



A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

*Daniele da Cruz**

*Rita de Cássia Luiz da Rocha**

RESUMO: Este estudo tem por objetivo investigar as histórias e memórias de mulheres idosas, que no período da infância, formaram ou se conformaram com seus papéis sociais, a partir, das relações estabelecidas com outros indivíduos. No percurso da história, a sociedade e seus indivíduos vão se modificando e impondo novas formas de relações, portanto, a identidade e o gênero são processos eminentemente sociais. Nesse sentido, levantou-se um arcabouço teórico a respeito da temática, incluindo as questões de gênero, sexualidade e identidade, tendo como fonte documental a ser produzida a partir da história oral.

Palavras – chave: educação; gênero; identidade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Durante muito tempo à mulher ficou invisível na história da humanidade; parece muito contraditório tal colocação, analisando-se pelo contexto, de que todos somos sujeitos históricos e estamos constantemente fazendo história, cada um ao seu tempo. Mas, muito pouco se sabe, sobre as mulheres que fizeram parte dos grandes, ou mesmo dos quase insignificantes acontecimentos históricos. Essas muitas vezes, eram apenas espectadoras da sociedade em que viviam; a sociedade não respeitava sua feminilidade, sua sexualidade, sua inteligência, seus desejos e anseios próprios; tudo lhe era imposto. Ao estudarmos história, somos levados a refletir sobre a relação entre o passado e o futuro, por meio dela tentamos compreender como a sociedade atual foi sendo construída, assim como as desigualdades entre gênero, sexo e raça.

[...] É preciso contar a história, fazer o discurso da história, pois esta talvez seja sua única tarefa: produzir um discurso capaz de humanizar o mundo, um discurso contínuo e incessante sobre seus assuntos e o que nele se encontra seus momentos de cultura e seus momentos de barbárie (LOPES; FARIA FILHO E VEIGA, 2007, p.16).

* Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Guairacá. danielecruz2@yahoo.com.br

** Mestre em Educação pela UNIMEP; Coordenadora e Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade Guairacá. ritaluiz@faculdadeguairaca.com.br

Daniele da Cruz

Rita de Cássia Luiz da Rocha

A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

As desigualdades entre homens e mulheres sempre foram muito evidentes na sociedade; Por muitas vezes ao longo da história, a mulher permaneceu velada de várias formas, não podendo exprimir suas vontades e desejos, tendo que ser obediente e respeitosa ao sexo oposto, com isso, ela foi se conformando com sua condição de dominação.

Para Foucault (1984, p.220), as diferenças entre homens e mulheres fizeram parte das civilizações mais antigas, como a Grécia; a desvalorização da mulher como objeto passivo de prazer sexual do homem já ocorria. As discussões em torno dos desafios morais foram centralizadas na mulher, sob a forma da exaltação da virgindade e da sua conduta límpida e transparente principalmente no casamento.

Paulatinamente a mulher foi conquistando seu espaço na família e na sociedade. Incansáveis, travaram inúmeros embates contra a subordinação e a violência sexual. Os movimentos feministas foram relevantes para subjugar direitos e melhorias da condição feminina, além de propor a equidade entre os gêneros. Mas, um dos pontos mais relevantes do movimento, foi à conscientização das mulheres sobre sua passividade, diante dos fatos de injustiça e discriminação a que estavam sendo submetidas.

Porém, os esforços dessas mulheres não foram suficientes para a mudança de paradigmas, a distinção entre os gêneros continua sendo reproduzida pela sociedade e internalizada por pais e educadores.

Partindo dessa premissa, procurou-se responder algumas indagações que surgiram durante a execução do trabalho, tendo como objetivo principal: Analisar como a criança vem a formar ou a se conformar com o seu papel na sociedade, e de que maneira, as relações estabelecidas com os adultos na infância influenciam e internalizam seus comportamentos.

Neste trabalho, serão apresentadas às concepções de gênero e identidade como sendo uma construção social e histórica; após se abordar como as crianças constroem sua identidade, a partir, das relações culturais sobre o feminino e o masculino e por final analisaremos as experiências e memórias de infância de pessoas idosas, com relação às questões de identidade e gênero.

1. GÊNERO – UMA CONSTRUÇÃO SÓCIO-CULTURAL

Na Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, Cegalla (2005, p.135), define gênero como a propriedade que as palavras têm de denominar o sexo dos seres, que pode ser real ou imaginário. Segundo o autor, a língua portuguesa possui dois gêneros: o masculino e o feminino, ao contrário de certas línguas que possuem um terceiro gênero, o neutro, que é o caso do inglês, do grego e do latim, portanto, nestas línguas não há a divisão lingüística dos seres. Moreno (1999, p.16) descreve linguagem, como a transmissão inconsciente de pensamentos e sentimentos de um

Daniele da Cruz

Rita de Cássia Luiz da Rocha

A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

coletivo. Por meio da linguagem, faz-se a distinção entre o feminino e o masculino, atitude que se manifesta desde que começamos a pronunciar as primeiras palavras.

Gênero vai além das diferenças corpóreas, ela pode ser compreendida como uma junção de vários aspectos: sociais, culturais e lingüísticos (MEYER, 2003, p.16), que vão sendo construídos ao longo da vida e contribuirão para o crescimento e formação do sujeito. Diferentemente, o sexo refere-se às estruturas biológicas e fisiológicas que distinguem machos e fêmeas.

Uma pessoa pode nascer com um sexo, biologicamente formada, mas, cabe somente a ela sentenciar sua escolha. As pessoas são seres incompletos, vivendo em constante busca por sua identidade, incluindo aqui, identidade de gênero e sexual; portanto são passíveis de mudança, podendo ser formada e transformada. O sexo e a identidade de gênero estão interligados, e estes, constituem a subjetividade do indivíduo.

O conceito de gênero surgiu entre as estudiosas feministas na década de 80, para contrapor as idéias de desigualdade entre homens e mulheres, que eram explicadas como questões biológicas e fisiológicas.

Á frente dos movimentos feministas emergiu o pensamento de gênero, na tentativa de findar com as relações de submissão e exploração, pela qual, as mulheres vinham passando. Revogavam os mesmos direitos que os homens, e induziam a uma mobilização antigênero, tal mobilização acabou se estendendo aos indivíduos homossexuais.

Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como conseqüência a sua ampla invisibilidade como sujeito – inclusive como sujeito da Ciência (LOURO, 2007, p.17).

Estudiosas feministas explicam as desigualdades de gênero baseadas em três grandes correntes, todas abordam as distinções contra a mulher, mas seguem linhas diferentes, Giddens (2005, p.108-110) as aponta como: *Feminismo Liberal*, *Feminismo Radical* e *Feminismo Negro*. As feministas que seguem a corrente Liberal são pouco radicais, preocupadas principalmente com as discriminações contra a mulher em ambientes educacionais, de trabalho e na mídia, tendo como respaldo a legislação, para elas as desigualdades de gênero ocorrem por influências sociais e culturais. No Feminismo Radical, os homens são acusados de explorar as mulheres por meio da autoridade patriarcalista, enfatizam a violência contra a mulher como uma forma de poder. No Feminismo Negro as reivindicações são pela igualdade de direitos das mulheres negras, evidenciando o preconceito contra elas como uma herança escravocrata.

Para Louro (2007, p.26), a identidade sexual se constitui na forma como o indivíduo vive sua sexualidade: com parceiros do mesmo sexo, do sexo contrário ao

Daniele da Cruz

Rita de Cássia Luiz da Rocha

A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

seu ou mesmo sem parceiros. Já a identidade de gênero, é como o indivíduo identifica-se socialmente e historicamente em feminino ou masculino.

As diferenças entre feminino e masculino são culturais, repassados pelas gerações anteriores, através da socialização dos indivíduos; são comportamentos e regras aprendidos e internalizados, tais diferenças estão enraizadas em nossa sociedade. Pois, desde pequenos somos instigados a nos comportar da maneira mais peculiar ao sexo que biologicamente pertencemos.

Os modos de conduta são estabelecidos pela sociedade, afim, de garantir a ordem e a moral dos indivíduos; os atos morais estão intrinsecamente relacionados com a própria cultura do povo. Mesmo, que nem sempre se concorde com os padrões impostos, eles se fazem difíceis de serem desassociados de nossas condutas, pois, são consentidos socialmente.

Segundo a autora Heller (2004, p.30), aceitamos e incorporamos algumas ações por serem socialmente aceitas ou por puro modismo, sendo executadas espontaneamente e constituindo-se em “reflexos mecanizados”, inferindo em um conformismo que dificilmente, será convertido em uma atitude libertária; a não ser que se reflita primeiramente a importância de nossos atos e condutas para nossas vidas ou para a comunidade humana.

[...] uma ação não é moral somente em si mesma e na sua singularidade; ela o é também por sua inserção e pelo lugar que ocupa no conjunto de uma conduta, e marca uma etapa em sua duração e um progresso eventual em sua continuidade (FOUCAULT, 1984, p.28).

A cultura é responsável pela civilização dos sujeitos, não é estática, mas renovável ao longo do desenvolvimento do ser humano. Laraia (2004, p.38) descreve o homem como herdeiro de conhecimentos e experiências, repassados pelas gerações que o antecederam, em vista disso, o indivíduo deve procurar renovações e adaptações de tais informações, ajustando-as às mudanças da sociedade.

Os seres vivos organizam-se em grupos ou sociedades, tanto o homem quanto outros seres, estruturam-se de forma a manter a ordem e os interesses em comum. Os animais irracionais são biologicamente programados, isso faz com que sejam totalmente instintivos, e suas ações se dêem de maneira automática e espontânea. Entre os animais existem sociedades extremamente organizadas, pode-se exemplificar aqui a sociedade das formigas e das abelhas. Onde cada integrante possui uma função específica, de maneira a garantir a sobrevivência da colônia, caso algum não a desempenhe satisfatoriamente, acarretará em prejuízo a todos os integrantes do grupo. O homem ao contrário, aprende através do convívio e da interação com outros sujeitos, os princípios, comportamentos e a cultura do seu povo (NOVA, 2004, p. 49-51).

Daniele da Cruz

Rita de Cássia Luiz da Rocha

A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

O homem edifica o seu “papel” na sociedade por meio da imitação ou representação, ao ser inserido no mundo é apresentado a condutas bem definidas, com as quais, precisa aprender a conviver e a utilizar (HELLER, 2004, p 88-89). No entanto, o sujeito deve governar-se sem deter-se a modelos previamente instaurados, para que esses, não acabem por modificar a sua própria essência.

A reflexão é uma atitude antagônica a alienação, somente a partir dela, é que se pode interferir no encaminhamento da vida, e conseqüentemente, produzir efeitos dentro da comunidade em que está incluído (HELLER, 2004, p.36).

Turner (2000, p.44) descreve que dentro de uma mesma sociedade existem diversos subgrupos ou subculturas, cada uma com crenças e valores diferentes. Para ele, essas diferenças vão ocorrer devido à interação dos indivíduos, que ao se relacionarem freqüentemente, criam gestos e símbolos próprios, dando significado às suas práticas e ações. Ainda segundo o autor, as diferenças culturais podem resultar em conflitos; ao serem confrontados idéias e pensamentos diversos, os embates acontecem principalmente quando estão relacionadas questões de poder e riqueza. Geralmente, os indivíduos relacionam-se com pessoas com as mesmas idéias, ou pelo menos parecidas, fazendo com que os relacionamentos deles tornem-se limitados.

Vivemos num meio culturalmente rico; todos os dias nos deparamos com as mais diversas manifestações, portanto, não devemos nos limitar aos valores, julgamentos e pré-conceitos que carregamos e manifestamos mesmo que inconscientemente.

Na interação com culturas de valores sócio-históricos diferentes, é necessário, que se use o bom-senso, a inteligência e o respeito às diversidades, para poder-se apropriar daquilo que é benéfico e que virá acrescentar como pessoas integrantes de um mesmo planeta.

A sociedade precisa desprender-se de toda e qualquer manifestação de preconceito, sendo essa uma atitude que se deve estar exercitando diariamente, pois, ao desligar-se dos preconceitos adquiridos, estaremos deixando de aceitar nossas próprias certezas. Posturas preconceituosas impedem o crescimento do indivíduo e não os deixam enxergar além dos fatos, expondo-o a uma hipocrisia infundável e desprazerosa.

“[...] todo preconceito impede a autonomia do homem, ou seja, diminui sua liberdade relativa diante do ato de escolha, ao deformar e, conseqüentemente, estreitar a margem real de alternativa do indivíduo” (HELLER, 2004, p. 59).

Gênero é uma construção hierárquica, que segundo Bourdieu (apud MOREIRA NETO) acontece geralmente, com o homem sendo caracterizado como o dominador e a mulher a dominada. A subordinação da mulher acontece de diversas formas, e em diferentes contextos, sendo a violência caracterizada como uma delas, a agressão pode acontecer verbalmente ou fisicamente, onde o homem evidencia sua condição de poder sobre a mulher. O dominador somente existe, por ter alguém que se submete ao papel de subalterno, a pessoa tem o livre-arbítrio sobre

Daniele da Cruz

Rita de Cássia Luiz da Rocha

A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

sua vida, podendo discernir em escolher ou recusar atitudes de poder e violência para com ela.

O sociólogo Connell (apud GIDDENS, 2005, p.112) também descreve as desigualdades de gênero como uma ordenada hierarquia social, onde os homens estão no topo do escalão, pode-se chamar de hierarquia hegemônica, ou seja, o homem é aquele que tem a supremacia perante todos os outros gêneros.

Moreno (1999, p.23) nomeia a sociedade como androcêntrica, a qual considera o sexo masculino como o centro de todos os acontecimentos. Resultando em uma exaltação do macho, visto como aquele que detém o poder e se sobressai em todos os âmbitos da sociedade. Pode-se perceber que nas diferenciações de gênero estão imbricadas relações de poder e desigualdades sociais, acarretando num processo que reprime e modela homens e mulheres.

2. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA CRIANÇA

A criança constrói seu gênero e sua identidade, por meio da interação e da imitação; ao observar o papel da mãe, do pai, dos irmãos, professores e outros, ela identificará como cada um se comporta dependendo do sexo. Geralmente, imita a pessoa mais próxima, ou a qual, ela tenha muita admiração ou veneração, esta pessoa será referência e modelo para a constituição da sua própria identidade.

As pessoas conformam-se com atitudes e comportamentos pré-estabelecidos, que passam a imitar e a agregar à sua subjetividade, tal atitude os impossibilita de descobrir o seu verdadeiro papel de gênero, refletindo em uma condição de alienação (HELLER, 2004, p.38).

A teoria construtivista ou interacionista parte do pressuposto que o indivíduo não é um ser imutável, seu desenvolvimento acontece, por meio das experiências e intervenções estabelecidas com o seu meio sócio-cultural.

Nesse sentido Vygotsky descreve:

Na sua relação com o mundo, mediada pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos culturalmente, o ser humano cria as formas de ação que o distinguem de outros animais [...] trabalhando com a noção do cérebro como um sistema aberto, de grande plasticidade, cuja estrutura e modos de funcionamento são moldados ao longo da história da espécie e do desenvolvimento individual (apud LA TAILLE, 1992, p.24).

Piaget corrobora com essa idéia e sinaliza que a personalidade humana constitui-se no momento, em que o sujeito consegue equilibrar sua individualidade, com os vários outros “eus” presentes na sociedade (PIAGET apud LA TAILLE, 1992, p.16-17).

Daniele da Cruz

Rita de Cássia Luiz da Rocha

A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

Os comportamentos e brincadeiras das crianças entre seis e sete anos tendem a ser estereotipados. Elas ainda não conseguem abstrair a sua própria sexualidade, sendo que, precisam afirmar-se perante o grupo a sua condição, isso faz com que as mesmas, passem a classificar ações e brincadeiras. Nessa idade as crianças sofrem com a possibilidade de perder seu gênero, na concepção delas, isso pode acontecer quando brincam ou se vestem com objetos “pertencentes” ao sexo oposto. O comportamento de segregação entre as crianças acontece devido ao desordenamento de idéias que essas têm sobre a masculinidade e a feminilidade (PAECHTER, 2009, p.30).

Apesar das características pertencentes a cada sexo, as crianças não são suficientemente capazes, de explicar e entender as diferenças entre feminino e masculino, e nem mesmo, as relações de poder dos homens sobre as mulheres.

Meninas e meninos possuem habilidades cognitivas diferentes, o sexo masculino se sobressai no raciocínio lógico-matemático e o feminino nas funções de linguagem. Isso ocorre, pelo fato do cérebro do homem ser um pouco mais pesado do que o delas; as estruturas que ligam os dois hemisférios são maiores nas mulheres, o que facilita a comunicação entre eles. Na mulher, várias funções são desempenhadas em ambos os hemisférios, enquanto nos homens, as funções acabam se concentrando em apenas um dos hemisférios (GUIMARÃES, 2009, p. 60).

No que diz respeito, a atitudes comportamentais, a diferença de gênero pode dar-se inconscientemente nas brincadeiras de criança; meninas geralmente brincam de maneira mais calma, de boneca, casinha ou professora; enquanto, os meninos brincam de forma mais agressiva com carrinho, de bola, de polícia e ladrão ou se inspiram nos heróis dos desenhos e filmes, o que geralmente envolve lutas, socos e tiros. “Mesmo quando meninas e meninos brincam com os mesmos brinquedos, eles brincam mais socialmente com outros do mesmo sexo” (NEPPL e MURRAY apud PAPALIA, 2006, p.330).

Ao brincar, a criança estará demonstrando seus sentimentos e emoções, além de desenvolver sua criatividade, ao procurar resolver os possíveis desafios da brincadeira, pode ser considerado um exercício para a vida adulta.

Contudo os brinquedos em sua grande maioria enfatizam a distinção de gênero, existem no mercado bonecos para ambos os sexos, os direcionados para os meninos são fortes, musculosos e tem como acessório o mais diverso arsenal de ataque e defesa, instigando à violência e o poder. Ao contrário, as bonecas para as meninas possuem semblante meigo e sereno, seus acessórios fazem referência aos trabalhos domésticos ou a maternidade. Pode-se perceber a distinção extrema de papéis, enquanto meninos são estimulados a representações grotescas, as meninas são incitadas a brincadeiras tranquilas e sutis.

Sob um ponto de vista evolucionista, as diferenças de gênero no brincar das crianças, identificadas em todas as culturas, fornecem um modo de praticar comportamentos adultos importantes para a

Daniele da Cruz
Rita de Cássia Luiz da Rocha

A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

reprodução e sobrevivência. As brincadeiras mais violentas dos meninos espelham a competição entre os machos por domínio e *status* e por parceiras férteis. As brincadeiras de casinha ou de papai e mamãe das meninas preparam-nas para cuidar dos jovens (GEARY apud PAPALIA, 2006, p. 331).

Segundo Santos (2004) até 1 ano as crianças não são diferenciadas quanto ao sexo, elas “são apenas bebês”; entre 1 e 3 anos as brincadeiras adotadas são as de faz de conta, onde elas fazem a representação de papéis, geralmente imitando os próprios pais, nesse período inicia-se a demarcação entre os sexos por meio do brincar. Dos 3 aos 7 anos a linha divisória entre meninas e meninos se acentua cada vez mais, e os brinquedos escolhidos são classificados quanto ao gênero.

[...] brinquedos oferecidos às meninas ensinam e reforçam a idéia de que os cuidados com a prole cabem sempre às mulheres ou, ainda, que o destino “natural” delas seria a maternidade. Mesmo que seja visível a atração que as bonecas e casinhas causam também aos bebês masculinos, há uma rápida interdição da cultura, para que estes não façam uso de tais brinquedos (FELIPE apud SANTOS, 2004).

Percebe-se que meninos dificilmente brincam de boneca ou outros brinquedos de “meninas” porque são ironicamente ridicularizados por outras crianças, ou mesmo adultos que insistem em reforçar os papéis femininos e masculinos nas brincadeiras.

Os indivíduos aprendem ainda muito pequenos, a diferenciar o que faz parte do universo masculino e o que pertence ao feminino; são comportamentos, gestos e ações que tornam-se conhecidos e passam a ser integrados ao seu modo de viver. A família e a escola são responsáveis na transmissão de tais comportamentos, que socialmente são corretos e aceitos.

Os pais criam expectativas em relação à vida de seus filhos, sonham com um futuro promissor e feliz, baseado em valores e modelos socialmente aceitos e estáveis. Os anseios dos pais nem sempre vão ao encontro das vontades individuais dos filhos, é preciso que haja o respeito e o diálogo entre a família, para que o conflito de idéias não desgaste o convívio, cabe aos pais orientar os filhos e não querer moldá-los a sua maneira, cada pessoa é um ser único, com personalidade e subjetividade própria.

2.1 A importância da família na construção da identidade

A família pode proporcionar um meio favorável para o pleno desenvolvimento de seus integrantes, onde estes se sintam alicerçados e confiantes, da mesma forma, o ambiente pode impossibilitar a criança de adquirir habilidades de apreço,

Daniele da Cruz
Rita de Cássia Luiz da Rocha

A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

para seu crescimento físico, psicológico e humano. Acredita-se que o estudo da estrutura e do desenvolvimento familiar vem ajudar a compreender como a criança adquire e internaliza sua cultura, seus valores e sua identidade, bem como, as relações mantidas com seus familiares ao longo da vida. Por muitos anos a família ficou restrita a função biológica de transmissão de seus gens, não se dando a devida importância para seu papel na construção do conhecimento e na interação dos indivíduos (DESSEN e BRAZ, 2005, p.120-121).

Quanto à importância da família no desenvolvimento da criança Freud e Mead (apud BRYM et. al., 2006, p. 115), compreenderam que:

[...] a família é o agente mais importante da socialização primária, o processo de aquisição das habilidades básicas necessárias para agir na sociedade durante a infância. Eles argumentaram que, para a maioria dos bebês, a família representa o mundo. [...] é um grupo pequeno e seus membros estão em contato face-a-face. [...] A família onde a pessoa nasce também exerce uma influência relativamente *duradoura* ao longo da vida.

A família vem a ser uma referência para a criança, através das representações de pais e mães, formam-se conceitos sobre o papel que cada um exerce dentro da família e dentro da sociedade; os pais representam a coragem e robustez, enquanto as mães representam a condição maternal e a delicadeza de sentimentos.

Bandura igualmente acredita, que a criança internaliza comportamentos observando a verbalização e as ações de seus pais ou outros adultos. “A aprendizagem pela observação é intensificada com o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, devido à maior interação com o ambiente” (BANDURA apud DESSEN, 2005, p. 56).

Para Marx (apud ENGELS, p.39) há uma diferenciação entre a dinamização da família com o sistema de parentesco, enquanto a família vive ativamente, o sistema de parentesco fica “fossilizado” aos seus costumes, não se permitindo mudanças drásticas.

Friedrich Engels e outros autores marxistas já discutiam as relações e as desigualdades de gênero dentro das famílias nucleares, ou tradicionais, ou seja, aquelas compostas por pai, mãe e filhos, onde o pai trabalha fora para ganhar o sustento da família, enquanto a mãe cuida dos afazeres domésticos. Engels afirmava que o homem ao ter o controle financeiro sobre sua família teria condição de desempenhar sua autoridade sobre os demais membros. Para ele essas disparidades familiares resultariam em desigualdades sociais, que somente cessariam com o comunismo.

Mas, tal pensamento marxista é um tanto contraditório, pois, as desigualdades de gênero acontecem em todo o circuito social, indiferente de raça, credo, condição sócio-econômica e estruturas governamentais (ENGELS apud BRYM, 2006. p.368).

Daniele da Cruz

Rita de Cássia Luiz da Rocha

A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

A família contemporânea ao longo dos tempos passou por diversas mudanças com a redução do sistema patriarcal, a mulher passou a ter direito de escolha e a assumir espaços que antes só pertenciam aos homens.

Neste sentido a teoria de Norbert Elias corrobora, para entendermos os *habitus sociais* que foram sendo internalizados pelos indivíduos ao longo dos tempos. Elias enfatiza que o indivíduo está interligado a vários microsistemas/configurações, sendo a família, a escola, a igreja e a comunidade, no contato com a diversidade passa-se a compreender melhor a própria condição humana, desvinculando-se de preceitos que parecem insignificantes e agregando outros a sua essência, tais modificações ocorrem em consonância com fatores genéticos e congênitos.

Assim, vale a pena lembrar o que expõe Elias (1994, p.67) “toda a sociedade humana consiste em indivíduos distintos e todo indivíduo humano só se humaniza ao aprender a agir, falar, sentir no convívio com outros. A sociedade sem os indivíduos ou o indivíduo sem a sociedade é um absurdo”.

Desta forma, a família é o primeiro, e uma das mais importantes configurações a fazer parte da vida de uma criança, dentro dela, são criadas regras e valores próprios, conforme as peculiaridades de cada uma; entre os seus membros são fixados estreitos vínculos que dificilmente são desfeitos. As experiências e descobertas vividas dentro do seio familiar refletem nos comportamentos fora dela, mesmo que, certas atitudes do cotidiano familiar não causem as melhores impressões, ainda assim, elas desempenham fortes influências na composição de seus sujeitos.

Nesse contexto corroborava-se que:

A família é o porto do qual se quer afastar, mas ao qual simbolicamente se pode voltar [...]. Segundo Roudinesco (2003, p.198), com todas as transformações, a família continuaria a ser reinvidicada como um “valor seguro ao qual ninguém quer renunciar. Ela é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças de todas as idades, de todas as orientações sexuais e de todas as condições”, mesmo convivendo com violências, abusos de autoridade e tiranias em nome do amor (CASTRO; MIRANDA; ALMEIDA, 2007, p.60).

São a partir desses comportamentos vivenciados durante a infância que se percebe as internalizações por meio da história de mulheres que tiveram em suas relações, uma segunda natureza, posta, quando ainda criança.

Sobre essa premissa dos controles Norbert Elias, retrata que as atitudes que as pessoas têm não são naturais e sim condicionadas, comportamentos que são esperados pela sociedade fazendo com que “aumente a coação exercida por uma pessoa sobre a outra e a exigência de bom comportamento é colocada mais enfaticamente” (ELIAS, 1994, p. 91).

Daniele da Cruz
Rita de Cássia Luiz da Rocha

A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

Estas mudanças nos comportamentos são decorrentes dos processos pelo qual a sociedade passa. Não sendo diferentes estes movimentos e contramovimentos no seio familiar.

Essa redução dos contrastes na sociedade e nos indivíduos, essa mistura peculiar de padrões de conduta que derivam de níveis sociais inicialmente muito diferentes, são altamente características da sociedade ocidental. E constitui uma das peculiaridades mais importantes do “processo civilizador”. Esse movimento da sociedade e civilização, porém, certamente não segue uma linha reta. No movimento global observam-se repetidas vezes contramovimentos maiores ou menores, nos quais os contrastes na sociedade e a flutuações na conduta de indivíduos, suas explosões afetivas, tornam a aumentar (ELIAS, 1993, p. 211).

Um desses contramovimentos da associação da civilidade ao progresso é também percebido entre as famílias, na preocupação destas, com a educação de suas crianças.

Sob esse aspecto, infere-se que é no grupo social do qual a criança participa, que se regulam a vida instintiva e naturalizam-se comportamentos, fazendo com que eles sejam aprendidos, controlados e autocontrolados por meio de mecanismos de internalização, combinados a determinadas estratégias ou modelos, e estes, são verificados pelo tempo. Reporta-se a Norbert Elias quando discute:

A conduta e vida instintiva da criança são postas à força, mesmo sem palavras, no mesmo molde e na mesma direção pelo fato de que um dado uso da faca e do garfo, por exemplo, está inteiramente firmado no mundo adulto – isto é, pelo exemplo do meio. Uma vez que a pressão e coação exercidas por adultos individuais é aliada da pressão e exemplo de todo mundo em volta, a maioria das crianças, quando crescem, esquece ou reprime relativamente cedo o fato de que seus sentimentos de vergonha e embaraço, de prazer e desagrado, são moldados e obrigados a se conformar a certo padrão de pressão e compulsões externas. Tudo isso lhes parece altamente pessoal, algo “interno” implantado neles pela natureza (ELIAS, 1993, p.134).

Esta passagem vem confirmar, as formas de condutas que foram sendo determinadas pelos grupos, dando indicações da consciência temporal, através da autodisciplina, e esta são verificadas nos comportamentos dos indivíduos.

Daniele da Cruz
Rita de Cássia Luiz da Rocha

A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

3. MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

Os trabalhos em gênero têm oferecido uma gama de metodologias, oferecendo ao pesquisador um leque de possibilidades ao tratar com diversas fontes, estas, entendidas como objeto de testemunhos dos processos históricos.

Para articular educação e gênero, as pesquisas abrem possibilidades metodológicas que se direcionem para as abordagens qualitativas, para a ênfase nas fontes orais, nas entrevistas abertas, nas técnicas etnográficas, na observação participativa, nos escritos e testemunhos deixados por mulheres, nas obras literárias, nos registros de classe, diários [...] (ALMEIDA, 2007, p.61).

Neste sentido, com o propósito de analisar mulheres pertencentes a três gerações distintas, escolheu-se senhoras com 60, 70 e 80 anos; selecionando assim, uma mulher para cada faixa etária. As entrevistas aconteceram separadamente, decorrendo num diálogo amplo e aberto, considerando os mais simples detalhes que essas mulheres traziam à memória. Os questionamentos feitos foram a respeito da infância, educação, costumes e relacionamentos familiares experienciados por elas em determinado tempo histórico. Para preservar a identidade das distintas senhoras, estas foram nomeadas respectivamente como Senhora A (80 anos), Senhora B (73 anos) e Senhora C (60 anos).

Recorre-se a histórias de vida, pelos de testemunhos e relatos pessoais vivenciados pelas entrevistadas, a partir, da subjetividade de cada descrição, pode-se levantar um arcabouço juntamente com a teoria, para melhor entendimento e fundamentação desse trabalho.

Apesar da idade, as entrevistadas recordaram fatos sobre a infância e juventude vivida, por alguns instantes pareciam estar viajando no tempo, suas expressões mudavam a cada pergunta, demonstrando em alguns momentos alegria e empolgação, e em outros tristeza e saudade, e foi, nesse misto de sentimentos e lembranças que essa pesquisa transcorreu.

Na primeira questão buscamos saber sobre a infância e as principais lembranças que elas tinham dessa fase. A Senhora A e C, disseram ter uma boa infância, ambas tinham suas obrigações em casa e com os estudos, por isso, as brincadeiras geralmente aconteciam no final da tarde, onde os irmãos reuniam-se para entreter-se com as “artes” infantis, era também o momento dos demais familiares estarem mais perto.

Hoje as crianças têm uma variedade de brinquedos, mas, nem brincam direito. Como não existia televisão, a irmandade se reunia de tardezinha para brincar, a gente mesmo inventava nossos

Daniele da Cruz
Rita de Cássia Luiz da Rocha

A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

brinquedos, a gente brincava de tanta coisa [...] (Senhora A, 80 anos).

A entrevistada C também recorda dos momentos em família:

À tarde nos reuníamos para brincar, eu, meus irmãos e às vezes algum vizinho; meus pais ficavam na varanda, enquanto brincávamos na frente de casa. Meu pai costumava cantar para nós, era um dos momentos mais agradáveis e significativos da família (SENHORA C, 60 anos).

Faz-se necessário que os indivíduos resgatem esse tempo de convivência familiar, algo que se perdeu no tempo, em função do consumismo desenfreado pelo qual a sociedade vive. Poucas famílias têm esse privilégio de poder compartilhar momentos agradáveis, as atribuições do dia-a-dia fazem com que muitos pais e filhos passem a se ver poucas horas por dia.

A Senhora B já nos descreve uma infância sofrida e com muita pobreza:

Eu só tive infância, enquanto meu pai era vivo, depois eu e meus irmãos, fomos obrigados a trabalhar para o nosso sustento e de nossa mãe, que pareceu não ter mais ânimo e coragem para viver e administrar a família. Mas, antes disso, eu brincava muito com minhas irmãs (SENHORA B, 73 anos).

Esta é uma realidade que presencia-se muito nos dias de hoje, as crianças deixam de lado sua infância para trabalhar e garantir o sustento dos seus. Crianças que ficam a mercê da própria sorte, expostas aos perigos e a pessoas inescrupulosas que tiram proveito desses pequenos para seu próprio benefício. Pode-se ver essa triste cena corriqueiramente, nos semáforos das cidades, nas meninas que se prostituem nas esquinas, nos que pedem esmola nas ruas, nas crianças que ajudam seus pais a catar papelão ou naquelas que machucam suas frágeis mãos ao quebrar pedras.

Criança é criança, em todo tempo e lugar, torna-se relevante destacar que elas precisam passar por todas as etapas do desenvolvimento humano, sem que essas sejam puladas.

O relacionamento dos pais com os filhos foi uma das questões abordadas, todas as senhoras disseram não haver diálogo, relataram também, o respeito que se tinha pelos pais ou pessoas mais velhas. Pelos relatos, percebem-se crianças com pouca expressividade, reprimidas pelo medo e pelo autoritarismo.

Meu pai ficou um tempo no quartel e quando saiu, passou a ser mais rigoroso e enérgico com todos, comigo não era tanto, acredito que por ser a única filha. Minha mãe era muito querida e doce, lembro de uma vez ter respondido minha mãe, foi sem

Daniele da Cruz
Rita de Cássia Luiz da Rocha

A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

querer [...], mas, aquilo nunca saiu da minha cabeça [...]. Depois que minha mãe ficou viúva, ela veio morar comigo, acabamos ficando mais amigas e íntimas (SENHORA A, 80 anos).

O relato da Senhora C:

Não tinha muito diálogo, com meu pai eu me abria um pouco, pois, ele era mais tranqüilo, minha mãe era enérgica e ficava difícil a conversa, para ela tudo era pecado, tudo era proibido. Passei a conversar mais com minha mãe depois de casada, com o tempo, ela passou a ser mais flexível e amiga (SENHORA C, 60 anos).

A Senhora B nos conta comovida:

Com meu pai vivi pouco tempo, ela era um homem bom, morreu muito novo. Minha mãe não conversava com nós sobre as coisas da vida, ela nos colocou para trabalhar em casa de famílias que nem conhecia direito, não se importava com o nosso sofrimento. [...] parecia que ela queria se acabar na bebida, ela bebia muito [...] era muito triste (SENHORA B, 73 anos).

O diferencial existente na maneira de se educar um filho homem de uma filha mulher foi pontuadamente questionada durante as histórias de vida, os filhos do sexo masculino tinham alguma liberdade, enquanto as meninas comportavam-se de maneira mais discreta, isso podia ser visto nas próprias brincadeiras delas.

“Por muitas vezes desejei ser “piá” e ter outras irmãs, meus irmãos saiam passear a cavalo livremente e iam para o riacho nadar, enquanto eu ficava em casa. Eram coisas como essas, que eu não podia fazer por ser menina” (SENHORA A, 80 anos).

Bem como confirma a entrevistada B:

Eu tive apenas um irmão homem, mas ele sempre foi o mais adulado. Era ele que geralmente acompanhava meu pai nos passeios pra cidade, ele podia sair pescar, brincar com seus amigos e chegar tarde. Depois, que meu pai morreu, ele passou a ser uma referência pra nós (SENHORA B, 73 anos).

Saffioti (1987, p.63) discute as privações ou “amputações” que o homem passa em relação a sentimentos ou prazeres de vida, devido a sua soberba em alcançar o poder de dominação das mulheres. No entanto, essas amputações não acontecem somente ao homem, mulheres e filhos também sofrem os prejuízos e conseqüências desses desprazeres. Tal situação é repassada aos filhos, através da educação diferenciada que é dada aos mesmos.

As brincadeiras de meninas foram lembradas por nossas entrevistadas, Relataram momentos de alegria e diversão, seus brinquedos geralmente eram

Daniele da Cruz
Rita de Cássia Luiz da Rocha

A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

improvisados, portanto, a imaginação dessas pequenas fazia a grande diferença, sendo capaz de levá-las até ao mundo encantado.

A Senhora C recordou com empolgação os brinquedos que ganhou na sua infância:

Quando quebrava algum prato ou pires em casa era uma festa, nós usávamos os cacos para montar nossas casinhas embaixo das árvores, montava até fogãozinho, tudo era improvisado. Meu pai nos presenteava na medida do possível. Lembro de ter ganhado algumas bonecas com cabelo, um dia, numa aposta com meu tio eu ganhei uma boneca de pano que tanto eu queria. Uma vez, eu e uma das minhas irmãs ganhamos um jogo de panelinhas de nosso pai, nós adoramos brincar com elas (SENHORA C, 60 anos).

A entrevistada B relata a brincadeira que mais lhe agradava:

Eu costumava brincar de boneca de pano, que nossa mãe fazia para nós, como eu gostava de brincar com elas, às vezes, também fazíamos bonecas com espiga de milho. Mas, a gente também brincava de pular corda e de roda (SENHORA B, 73 anos).

Bassanezi (2008) descreve um pequeno trecho do Jornal das Moças de 1953, que relata a diferença dos brinquedos quanto ao sexo esses, portanto, deveriam promover a educação estereotipada de futuros homens e mulheres:

[...] há brinquedos básicos que falam o idioma da humanidade inteira, e para estes não há a possibilidade de passar da moda nem de época [...] uma menina é uma pequena mãe, e uma boneca sempre terá guarida em seus braços [...] um menino estará sempre por aquilo que reclamam sua destreza desportiva [...] Uma pessoa que vai fazer um presente de um brinquedo [para uma criança] deve procurar o simples, o que responda ao natural instinto da criança... (JORNAL DAS MOÇAS APUD BASSANEZI, 2008, p.609).

Questões referentes à descoberta do corpo e a sexualidade eram estritamente proibidos de serem comentados. A Senhora C relata muito bem, a ignorância e a omissão, pela qual essas mulheres passavam, em relação à descoberta do próprio corpo:

Quando menstruei pela primeira vez, eu fiquei desesperada, não sabia direito o que acontecia, eu queria que aquilo passasse logo. Eu sabia que existia e que minhas irmãs mais velhas já eram mocinhas, mas, não explicavam o que era. Não se costumava conversar sobre essas coisas (SENHORA C, 60 anos).

Daniele da Cruz

Rita de Cássia Luiz da Rocha

A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

Somente aquelas que vinham a estudar nos colégios internos, passavam por breves explicações sobre o ciclo menstrual e os asseios que deviam ter com o seu corpo.

Fui aprender o que era menstruação com as irmãs do colégio interno, minha mãe nunca me deu orientação, porque ela mesma não sabia direito dessas coisas. Depois, de alguns anos, quando eu já era casada, minha mãe me perguntou como funcionava o corpo da mulher, e eu expliquei pra ela [...] ela não imaginava que fosse dessa forma (SENHORA A, 80 anos).

Não era diferente no momento dessas jovens se casarem, a falta de instrução não as permitia nem ao menos saber como as crianças eram geradas, o sexo era algo que vinham a aprender com os maridos, que geralmente tinham sido iniciados por prostitutas. *“Muita coisa eu fui aprender depois de casada, junto com o meu marido, que também tinha aprendido na vida. Naquele tempo, muitos homens perdiam a virgindade nos prostíbulos”*(SENHORA C, 60 anos).

Quanto aos relacionamentos entre os pais, pudemos perceber serem um tanto conflituosos, nas famílias da Senhora A e B os homens eram impacientes e austeros com suas esposas. Um importante comentário foi feito pela Senhora A: *“Meu pai era muito enérgico e minha mãe tinha que agüentar tudo calada. Falam que naquele tempo não existia separação, mas é claro, a mulher tinha que aceitar tudo que lhe era imposto”*(SENHORA A, 80 anos).

Relataram que um dos cônjuges mostrava força e autoridade, enquanto o outro demonstrava submissão. No caso de A e B cabia aos pais prover o sustento da família e aos demais seguir as ordens desse, já no caso C a mãe participava do sustento da casa, além de ser professora, cuidava junto com o marido e filhos do comércio que tinham. Pelos relatos, percebe-se uma mulher forte e autoritária para o sistema patriarcal vigente.

Meus pais viviam sempre juntos, mas, minha mãe era autoritária e meu pai submisso, ela era forte e ele meigo. Ela não aceitava ordens e era sempre sua decisão que prevalecia. Mas, mesmo assim, um colaborava com o outro, viviam bem daquela maneira (SENHORA C, 60 anos).

Sinaliza-se que uma das poucas opções de trabalho oferecidas para as mulheres fora do contexto doméstico era o magistério. A mão-de-obra feminina tornou-se necessária nas escolas, devido à segregação sexual das turmas, os professores eram impedidos de lecionar em turmas femininas, nesse contexto moralista o magistério expandiu-se e possibilitou as mulheres o ingresso ao mercado de trabalho.

Daniele da Cruz

Rita de Cássia Luiz da Rocha

A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

As conquistas femininas não foram suficientes para cessar com as tradicionais concepções de gênero no âmbito familiar, além do profissional a mulher teve que desempenhar seu papel de mãe, esposa e dona-de-casa.

As senhoras admitem terem sido educadas de forma austera e moralista, tendo herdado muitos valores e princípios de vida, que ainda se fazem presentes.

“A moral e os valores aprendidos carrego comigo por toda a vida; isso faz com que não aceite certas coisas que não se enquadram aos meus princípios” (SENHORA A, 80 anos).

Senhora C segue relatando a educação e os valores herdados de seus pais:

Eu aprendi com meus pais a ser sempre correta, a tratar bem as pessoas e a ter caráter. Sim, eu herdei muitas coisas de minha mãe, como o gosto de cuidar da casa e de ter tudo sempre em ordem. Mas, tento me policiar quanto à personalidade forte dela, eu não gostava quando ela brigava e nos batia, ela batia muito [...]. Sempre procurei ser diferente com meus filhos, me sinto mal, quando tenho atitudes parecidas com as dela (SENHORA C, 60 anos).

A entrevistada B comenta que as mulheres deviam comporta-se com cautela e pudor, diferentemente, seriam condenadas como levianas pela sociedade: *“Meus pais me ensinaram a ser uma mulher recatada. Pois, se a mulher fizesse alguma coisa errada, seria uma vergonha para a família e ficaria manchada pro resto da vida”* (SENHORA B, 73 anos).

A educação moral e a vigilância eram indispensáveis para o bom andamento da família e da comunidade, temia-se, que as moças por ingenuidade ou deslumbramento tomassem caminhos tortuosos, que denegrissem sua imagem de donzela (BASSANEZI, 2008, p.610).

Contudo, elas tentam banir de sua subjetividade as características que não gostavam ou condenavam em suas mães, para que não tornem a cometer as mesmas atitudes errôneas na educação de seus filhos, netos e bisnetos.

Todas as entrevistadas casaram-se, tiveram filhos e hoje são avós e bisavós. Essas mulheres são pessoas alegres e felizes, dizem ter aprendido muito com a idade, e que apesar de todos os percalços, não mudariam nada do que viveram até hoje, revelam ter muitas saudades do tempo de infância e de seus pais já falecidos.

A família é vista, hoje, como um contexto complexo promotor do desenvolvimento primário, da sobrevivência e da socialização da criança, além de ser um espaço de transmissão de cultura, significado social e conhecimento comum agregado ao longo das gerações (DESSEN E BRAZ, 2005, p.128).

A pesquisa revelou influências familiares e culturais da época na constituição da subjetividade dessas mulheres. Pode-se perceber como as entrevistadas

Daniele da Cruz

Rita de Cássia Luiz da Rocha

A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

internalizaram papéis estereotipados, em razão da observação e imitação de modelos concebidos durante sua infância, implicando em um conformismo de inferioridade e desrespeito com o âmago feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decurso da história, a mulher sofreu repressões e injustiças, determinadas pela moralidade e pelo patriarcalismo, essas por muito tempo, ficaram a margem da sociedade, seus papéis sociais resumiram-se e tornaram-se secundários.

Estes fatores tornaram-se visíveis, em nosso trabalho, pois tendo em vista as pesquisas bibliográficas e o levantamento efetuado por meio de entrevistas e histórias de vida de três senhoras, pôde-se concluir que o processo de desenvolvimento do gênero é permeado por relações sócio-históricas.

Nesta pesquisa ficou evidenciado que a diferença entre os gêneros se fez presente nas brincadeiras de crianças; meninas são condicionadas a brincar de boneca ou a representar papéis considerados femininos, como professora, enfermeira ou dona-de-casa. Contrariamente, os meninos são incitados a brincar de forma mais dinâmica e violenta. As brincadeiras, assim, como os brinquedos oferecidos às crianças, tendem a enfatizar a segregação sexual.

A boneca apresentada à menina simboliza a maternidade, vista pela sociedade como uma segunda natureza feminina; a mulher ainda pequena desenvolve sua condição maternal, através das brincadeiras, da observação e da imitação de papéis. Por muito tempo, a mulher foi condicionada a desempenhar magistralmente seu papel de mãe e esposa; no âmbito familiar as desigualdades entre os gêneros se tornaram bastante evidentes, a obrigação do homem seria a de prover o sustento da casa, seu compromisso o eximia das demais obrigações diante da família. A mulher, no entanto, ficava com a educação dos filhos e com os trabalhos domésticos, esse contexto, inferia em um estado de dependência e de subjugação diante do homem.

Concomitantemente, observamos que a família reforçou os padrões comportamentais; pode-se perceber o tratamento diferenciado dos filhos homens, que possuíam maior liberdade para transitar nos mais diversos segmentos sociais e para expressar-se autenticamente. O espaço feminino, no entanto, ficou restrito ao ambiente doméstico e familiar; suas vontades e sonhos almejados passaram a ser velados por oposições hierarquizadas.

As privações foram descritas por estas três senhoras como sendo um dos grandes impasses entre homens e mulheres, por muitas vezes, elas desejaram pertencer ao sexo oposto, devido à constantemente vigilância e a repressão familiar.

A destarte é no decorrer do desenvolvimento da subjetividade, que o indivíduo agrega ao seu íntimo, condutas e formas de viver que são transformadas e

Daniele da Cruz
Rita de Cássia Luiz da Rocha

A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

adaptadas, dependo das apreciações e argumentações de cada um, no entanto, muitos preferem adotar modelos fundados socialmente, representando papéis que não são propriamente seus, deixando de lado a sua verdadeira essência, em respeito aos códigos convencionados culturalmente.

Mesmo, com várias mudanças, as díspares entre os gêneros continuam presentes, alavancando relações de poder e assimetrias sociais. O trabalho aqui desenvolvido exprime terminantemente o desejo de instigar as pessoas a refletirem sobre os acontecimentos que geram as desigualdades, hierarquizações e segregações sexuais.

Nesse sentido, assinala-se a necessidade de se ter uma visão humanizada sobre o outro ou o “diferente”, cada um deve ser respeitado por sua própria condição, seja a que gênero, sexo, raça ou classe social pertença.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?* São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo: Campinas: Autores Associados, 2007.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BRYM, Robert [et. al.]. *Sociologia: sua bússola para um novo mundo*. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

CASTRO, Mary Garcia; MIRANDA, Marlene Barreto Santos; ALMEIDA, Nadir Oliveira Galrão Leite de. Juventude, gênero, família e sexualidade. Combinando tradição e modernidade. In: BORGES, Ângela; CASTRO; Mary Garcia. (orgs.). *Família, gênero e gerações: desafios para as políticas sociais*. São Paulo: Paulinas, 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

DESSEN, Maria Auxiliadora; BRAZ, Marcela Pereira. A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. In: DESSEN, Maria Auxiliadora; COSTA JUNIOR, Áderson Luiz (orgs.). *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Editora Escala. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, v. 2.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

Daniele da Cruz

Rita de Cássia Luiz da Rocha

A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GUIMARÃES, Maria Cristina. Gênero na sala de aula. *Revista Pátio Pedagógica*. ano XII, n. 48; 2009. p.60.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. 7 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004. Série Interpretações da História do Homem, v.2.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 17 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LA TAILLE, Yves de. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. 19 ed. São Paulo: Summus, 1992.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). *500 anos de Educação no Brasil*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*. São Paulo: Moderna, 1999.

MOREIRA NETO, Mariana. *A categoria gênero: considerações acerca de suas variações e validade*. Política & trabalho, João Pessoa, p. 137-149, 2000.

PAPALIA, Diane E. *Desenvolvimento Humano*. 8 ed. Porto Alegre, 2006. PAECHTER, Carrie. Como meninos e meninas aprendem gênero. *Revista Pátio – Educação Infantil*. ano VII; n. 20, 2009.p. 30.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS, Cláudia Amaral dos. *A invenção da infância generificada: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero*. (Dissertação em Educação da UFRGS). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

TURNER H., Jonathan. *Sociologia: conceitos e aplicações*. São Paulo: Makron Books, 2000.

Daniele da Cruz

Rita de Cássia Luiz da Rocha

A INIQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA A PARTIR DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE MULHERES

THE INIQUITY BETWEEN THE GENDERS AND THE CONSTRUCTION OF FEMALE IDENTITY FROM THE MEMORIES AND STORIES OF WOMEN

ABSTRACT: This study aims to investigate the experiences and memories of elderly women that in the period of their childhood formed and conformed to their social roles, as, the relationships established with other individuals. In the course of history, society and its individuals changes and modifies, imposing new forms of relationships, therefore, the identity and the gender are essentially social process. In this sense, it was built a framework theoretical about the thematic, including the identity and gender questions, having documental source to be produced from the oral history.

Keywords: education; gender; identity

Recebido em 29 de novembro de 2009; aprovado em 21 de dezembro de 2009.